

# DESENHO INFANTIL E SUA APLICAÇÃO NA AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

## THE PRESCHOOL DRAWING AND THE APPLICATION IN SPEECH THERAPY EVALUATION

*Adriana Rahal* \*  
*Deborah Basile Rolim* \*\*

### ■ RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o desenvolvimento do desenho na fase pré-escolar, em crianças normais, e discutir a possibilidade de aplicação de uma escala evolutiva na avaliação fonoaudiológica. Os dados obtidos a partir de uma escala evolutiva foram comparados e correlacionados aos desenhos produzidos pelas crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem.

Realizaram os desenhos 2.935 crianças, sem alterações de linguagem, com idades variando de 2 anos e 6 meses a 7 anos. Após a análise destas produções gráficas, em termos das características evolutivas que apresentavam, foram selecionados os desenhos de 8 crianças, com as mesmas variações etárias, mas com atraso no desenvolvimento de linguagem, para realizarmos as comparações.

Utilizamos para a análise a escala evolutiva de expressão gráfica de LOWENFELD & BRITAIN (1977): Etapa da Garatuja, Etapa Pré-Esquemática, Etapa Esquemática e Etapa da Turminha.

Através das análises realizadas pudemos concluir que o aspecto gráfico do desenho contribui como mais um dado para avaliação fonoaudiológica, pois o mesmo também pode ser usado como parâmetro de desenvolvimento.\*\*

*UNITERMOS:* desenho infantil, avaliação fonoaudiológica, linguagem.

### ■ ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the development of drawing in normal preschool children and discuss the possibility of applying an evolutionary table to the speech therapy evaluation. The data obtained with the conclusions of the evolutionary table were compared and co-related to the drawings produced by 8 children with abnormal speech development.

2.935 normal children did the drawings, ages 2 ½ years to 7 years old.

We used the LOWENFELD & BRITAIN (1977) evolutionary table: scribble phase; prescheme phase; scheme phase and group phase.

We concluded that the graphic aspect of the drawing contributed as one more piece of information for speech therapy evaluation as the above mentioned can be used as a parameter of development.\*\*

*KEY WORDS:* preschool drawing, speech therapy.

---

\* Fonoaudióloga Clínica atuando no CEFAC — Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica e com título de especialista em Motricidade Oral.

\*\* Fonoaudióloga Clínica atuando no CEFAC — Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica e com título de especialista em Linguagem.

*Agradecimento* : À Jaime Luiz Zorzi pela orientação neste trabalho.

## ■ INTRODUÇÃO

O desenho infantil é objeto de estudo por parte de psicólogos e educadores. Existem muitas teorias e interpretações a respeito da produção gráfica infantil, assim como vários enfoques possíveis quando ela é analisada, seja pelo aspecto revelador da natureza emocional e psíquica da criança, seja pela análise gráfica tomada em seu aspecto puramente formal ou simbólico, pela utilização do desenho na aplicação de testes de inteligência ou, até mesmo, pela capacidade do desenho demonstrar o desenvolvimento mental da criança.

Os conteúdos dos desenhos das crianças, nos estágios iniciais do desenvolvimento, podem ir além das palavras faladas e correspondendo, de uma certa forma, ao grau de evolução do aparelho neurológico, físico, perceptivo e mental da criança. A conjunção mão/olho/cérebro torna-se presente e evidente no ato de desenhar.

O desenho infantil é uma linguagem espontânea e, por esta razão, um meio que contribui para enriquecimento do diagnóstico fonoaudiológico.

O fonoaudiólogo tem por hábito solicitar desenhos durante a avaliação e tratamento. Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi o de analisar o desenvolvimento do desenho na fase pré-escolar em crianças normais, de diferentes regiões do Brasil, e discutir a possibilidade de aplicação de uma escala evolutiva na avaliação fonoaudiológica, a fim de instrumentalizar o profissional para analisar os desenhos do ponto de vista gráfico e utilizar os dados colhidos como auxílio na compreensão e andamento do caso.

A partir do término da escala evolutiva em crianças normais, a tomamos como referência para compararmos com o desenvolvimento do desenho em crianças apresentando distúrbios de desenvolvimento de linguagem, para verificar se as alterações do desenho podem ser correlacionadas com o quadro de atraso.

## ■ MATERIAL E MÉTODO

Em um primeiro momento, selecionamos 2.935 crianças, sem alterações de linguagem, sendo 1.483 meninos e 1.452 meninas, com idades variando entre 2 anos e 6 meses a 7 anos. Solicitamos às crianças que desenhassem, com lápis, em uma folha de papel sulfite, uma figura humana. Após analisarmos os desenhos destas crianças, escolhemos 8 delas com alterações no desenvolvimento da linguagem, obedecendo às variações etárias acima mencionadas, para realizarmos a comparação.

Empregamos para a análise evolutiva a escala de desenvolvimento de expressão gráfica proposta por LOWEFELD & BRITAIN (1977):

### Etapa da Garatuja ( 18 meses a 4 anos)

As garatujas seguem uma ordem bastante previsível, iniciando-se como traços desordenados num papel e evoluem até se converterem em desenhos com conteúdo reconhecível para os adultos. Esta etapa vai de 18 meses até 4 anos, aproximadamente, e pode ser subdividida em três:

- Garatuja desordenada:** são realizados traços sem sentido, que variam em longitude e direção. Muitas vezes são repetidos e a criança pode olhar para os outros enquanto continua a desenhar, ou seja, não tem controle visual sobre as garatujas. É inconcebível, nesta etapa, a criança traçar um desenho "real" (Fig. 1A).
- Garatuja controlada:** ocorre quando a criança descobre que há uma vinculação entre seus movimentos e os traços que executa no papel. A criança descobre o controle visual sobre os traços que faz. Embora os desenhos possam não ser muito diferentes dos anteriores, a experiência de conseguir controlar os movimentos é vital para a criança (Fig. 1B).
- Garatuja com nome:** a criança começa a dar nome às suas garatujas, o que é indício de que o pensamento mudou. Mudou de cinestésico para pensamento imaginativo. É neste ponto que a criança desenvolve uma base para retenção visual. Embora os desenhos não tenham mudado muito, agora a criança desenha com uma intenção (Fig. 1C).



Fig. 1A



Fig. 1B

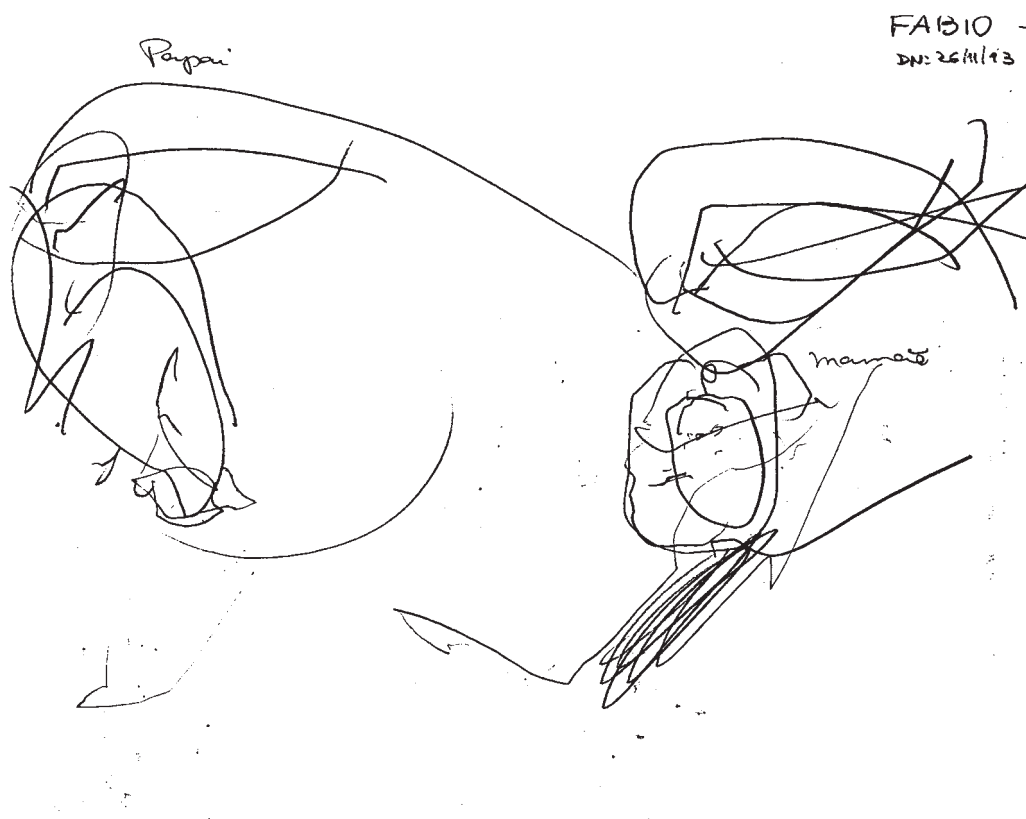


Fig. 1C

### Etapa Pré-Esquemática (4 a 7 anos)

Tem início um método diferente de desenho: a criação da forma. Os desenhos são uma prova concreta do processo mental da criança.

A figura humana torna-se mais elaborada, com a adição de braço ao lado das pernas, que representam o abdômen e, às vezes, o corpo.

O interesse da criança centra-se mais na relação entre o desenho e o objeto do que entre a cor e o objeto, isto é, o mais importante são as formas, sendo que há pouca relação entre a cor escolhida para pintar e o objeto representado.

A concepção que se tem é que a criança não está copiando um objeto visual, mas está se desenhando (é o que vê de si mesma sem se olhar num espelho, por exemplo) (Fig. 2).

### Etapa Esquemática (7 a 9 anos)

A principal descoberta desta etapa é a existência de uma ordem nas relações espaciais. Este primeiro conhecimento revelador, o de que a criança começa a considerar-se parte de seu ambiente, expressa-se por um símbolo chamado *linha de base*.

O espaço é ainda bidimensional, sendo que raras vezes surgem algumas linhas para dar noção de profundidade.

A *linha de base* é universal, sendo indicativa de que a criança percebeu a relação entre ela e o ambiente.

Nesta etapa as crianças utilizam *Representações espaço e tempo* — que correspondem à inclusão, em um mesmo

desenho, de diferentes seqüências de tempo ou de impressões especialmente distintas.

Outra forma de mostrar diferentes aspectos que não seriam possíveis de serem percebidos visualmente, ao mesmo tempo, é a representação do tipo *Raio X*. Ou seja, vê-se parte do interior e do exterior, como se este fosse transparente.

A criança, nesta etapa, descobre uma relação entre cor e objeto, e assim repete as mesmas cores para os mesmos objetos. Isto indica que ela começou a encontrar uma certa lógica no mundo e está estabelecendo relações concretas com as coisas que a rodeiam (Fig. 3).

### Idade da Turminha (9 a 12 anos)

Esta etapa corresponde ao descobrimento, por parte da criança, de que ela é um membro da sociedade, que está constituída por seus pares. É a idade da amizade em grupo, em grupo de iguais, na qual se observa um crescente desenvolvimento da independência social em relação ao domínio dos adultos.

Quanto aos desenhos nesta etapa, há uma maior consciência visual (maior proporção entre os elementos), maior interesse por detalhes, desaparecendo a representação do tipo *Raio X*.

Os temas escolhidos são diferentes para meninos e meninas, aumentando a aproximação entre cores e objetos.

Com essa crescente consciência visual, a criança descobre que o espaço entre as linhas de base adquire significado, e acaba descobrindo o plano. Passa, assim, rapidamente, da linha de base única ao descobrimento do plano (Fig. 4).

LOWENFELD & BRITAIN (1977) descreveram outras etapas, como a *Pseudonaturalista* (12 a 14 anos) e a *Arte dos adolescentes* (14 a 17 anos), as quais não serão descritas neste trabalho, uma vez que não abrangem a idade das crianças analisadas.

## RESULTADOS

Observamos que as crianças sem alteração no desenvolvimento de linguagem seguem um padrão evolutivo de desenho. Aos 2 anos e 6 meses, a maioria apresenta a garatuja desordenada; de 3 anos e 1 mês a 5 anos predominou a garatuja controlada; de 5 anos e 1 mês a 7 anos as etapas pré-esquemáticas e esquemáticas foram as mais encontradas.

Observamos algumas diferenças com relação à classificação adotada por LOWENFELD & BRITAIN (1977). As crianças entre 4 e 5 anos ainda apresentaram garatuja controlada e muitas crianças de 6 a 7 anos já estavam na etapa esquemática.

Quanto às crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem, todas as oito apresentaram atraso na es-

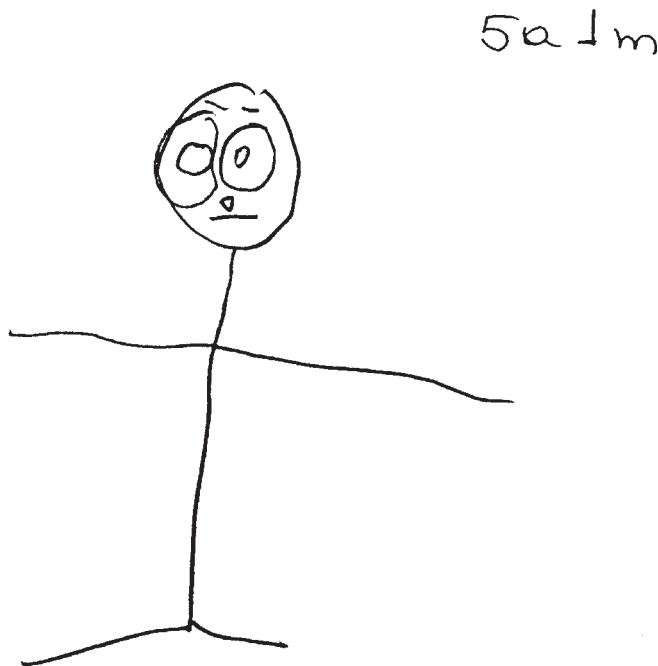


Fig. 2

6a. 11m



Fig. 3



7anos



Fig. 4

Leonardo da Gama



Fig. 5

cala evolutiva do desenho. Aos 4 anos ainda produziam garatuja descontrolada (Fig. 5). A garatuja controlada apareceu a partir dos 5 anos e 6 meses (Fig. 6). Apenas duas crianças, aos 7 anos de idade, apresentaram desenhos referentes à etapa pré-esquemática (Fig. 7).

## ■ DISCUSSÃO

Embora a análise do desenho forneça dados ricos para a interpretação das características emocionais, o enfoque deste trabalho centrou-se em seus aspectos gráficos, ou seja, na forma do traçado, no modo de organização espacial e na elaboração do desenho.

A escala evolutiva do desenho criada por LOWENFELD & BRITAIN (1977) contribui para o fechamento do diagnóstico. Entretanto, o desenho, isoladamente, tem pouco significado na avaliação de uma criança com desenvolvi-

Gabriel Biage

DN: 16/5/92

-5a5ms

meu no

eu



Fig. 6

mento normal. Encontramos crianças sem alterações de linguagem que, aos 5 anos, ainda apresentavam características da fase de garatuja controlada. Da mesma maneira, algumas crianças com 5 anos apresentaram desenhos característicos da etapa esquemática.

A análise do desenho, segundo a escala evolutiva criada por LOWENFELD & BRITAIN (1977), para uma criança com atraso no desenvolvimento de linguagem, pode ser um fator contribuinte, mesmo quando isolado, uma vez que para estas crianças é nítida a dificuldade que elas apresentam quanto ao traçado do desenho.

## ■ CONCLUSÃO

Através da análise dos desenhos apresentados pelas crianças sem alterações e por aquelas com atraso no desenvolvimento de linguagem, pudemos concluir que o aspecto gráfico do desenho contribui como mais um dado para a avaliação fonoaudiológica, pois este pode ser utilizado como parâmetro para analisar o desenvolvimento. As crianças com atraso do desenvolvimento (linguagem, brinquedo simbólico e cognição) apresentaram um atraso na escala evolutiva do desenho.

THAIS - (6 anos)

09/10

Desenho da figura humana

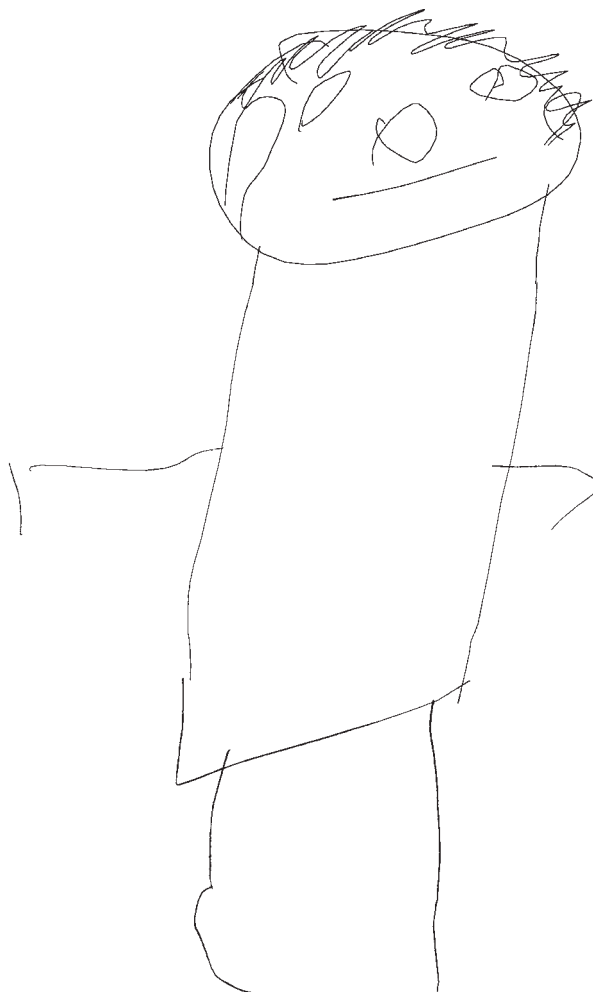


Fig. 7

## ■ BIBLIOGRAFIA

DERDYK, E. — *Formas de pensar o desenho*. São Paulo, Scipioni, 1989. (Pensamento e Ação no Magistério).

KELLOGG, R. — *Analysing children's art*. Palo Alto, Mayfield Publishing CO., 1970.

LOWENFELD, V. — *A criança e sua arte*. Trad. Miguel Maillat. São Paulo, Mestre Jou, 1976.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. — *O desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

### Endereço:

Rua Caiowaá, 664

Perdizes

CEP 05018-000

São Paulo – SP

Tel.: 3675-1677

e-mail:cefac@cefac.br